



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 10 | 2025

VARIA

Entrevista à artista plástica Romy Castro

Guida MENDES & Teresa NORTON DIAS

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: 10.34640/ct10uma2025mendesnortondias

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Mendes, G. & Norton-Dias, T. (2025). Entrevista à artista plástica Romy Castro. *Cinema & Território*, (10), 135-145.

<http://doi.org/10.34640/ct10uma2025mendesnortondias>

18 de dezembro de 2025



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Entrevista com Romy Castro

Guida MENDES

Universidade da Madeira | CIE-UMA
grmendes@staff.uma.pt

Teresa NORTON-DIAS

Universidade da Madeira | CRIA-NOVA FCSH / IN2PAST
teresa.dias@staff.uma.pt

Romy Castro nasceu em Lisboa, em 1956. Artista plástica e visual, curadora e investigadora integrada do grupo Cultura, Mediação & Artes do ICNOVA - Instituto de Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A sua obra artística é marcada pela interdisciplinaridade consistente, num diálogo permanente entre Arte e Filosofia, investigação prático/teórica e científica.

Com um percurso ancorado inicialmente nas Artes Plásticas-Pintura, mas que se estendeu a outras formas de arte, como o *design* gráfico e de equipamento, a arquitetura de interiores, e a joalharia, e posteriormente a outras dimensões de expressões artísticas contemporâneas, como a escultura, a instalação, a fotografia, o cinema/vídeo e as plataformas digitais, que se constroem nas fronteiras entre o sensível e o conceptual, nas quais se insere o seu campo de ensaio.

Frequenta a École Supérieur de Beaux-Arts de Paris, onde alterna os estudos académicos de pintura com investigação e prática em design gráfico e de equipamento, iniciando deste modo, a formação em Artes Visuais, imbuída nas vanguardas artísticas. Em Portugal, obtém a Licenciatura em Artes Plásticas-Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), em 1986, prosseguindo os seus estudos em Espanha, com a Licenciatura em Artes-Plásticas, sección Pintura, pela Facultad Complutense de Bellas Artes de Madrid, em 1988. Nesse ano, foi selecionada para integrar dois *Talleres de Arte Actual* do Círculo de Bellas Artes de Madrid, onde trabalha primeiro com o artista José Luis Alexanco, posteriormente com o pintor José Guerrero, e mais tarde com Lucio Muñoz, figuras centrais no aprofundamento da sua investigação sobre o gesto pictórico e a matéria como expressão artística. O seu interesse pela investigação das materialidades da Terra, levou-a a viajar por diversas vezes para outros países, e outros continentes, com destaque para o Japão, para adquirir conhecimento sobre a cultura japonesa, principalmente com as obras de arte do período Edo, entre outras as de Katsushika Hokusai, Matsuo Bashō, o que desperta o seu interesse pela feitura do papel à mão. Processo artesanal que apreende com novas matérias e agora pratica.

Determinada na sua averiguação conclui em 1994, os Estudos de doutoramento em Pintura com o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa original acerca das *Novas Matérias Pictóricas* pela Facultad Complutense de Bellas Artes de Madrid, sob a orientação artística de José Guerrero e posteriormente de Lucio Muñoz. E nesse mesmo ano conclui o Curso Anual de Arte e Teoria pela Escola de Formação Artística Avançada de Lisboa. Estudos que estabelecem as bases de uma prática pictórica em torno da experiência sensorial da matéria, mas também por um pensamento estético e crítico sobre os seus significados e possibilidades. De 2000 a 2006, aprofunda a relação entre Arte e Filosofia e conclui o Mestrado em Estética e Filosofia da Arte – com a vertente em Fenomenologia e Hermenêutica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A sua

dissertação, *Os Tempos da Cor*, promove uma reflexão sobre a obra de Mark Rothko, ao debruçar-se sobre a temporalidade da cor pictórica enquanto experiência fenomenológica. E numa linha de continuidade que atravessa toda a obra de Rothko, investiga num primeiro momento todos os seus escritos e toda a picturação do seu mundo, para num segundo momento, investigar e explorar num projeto artístico pessoal, que se desdobra em abordagens de pintura, de instalação e de vídeo, designado *A Terra como Acontecimento*, outras materialidades picturais, que se abrem ao questionamento do pensamento crítico e racional, i. é., à Filosofia. A investigação artística e científica, culmina no Doutoramento em Ciências da Comunicação, com a especialidade em Comunicação e Artes, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 2016, com a Tese *Mark Rothko: Da Origem Mítica à Refundação Artística do Mundo*. Prossegue a sua investigação no ICNOVA, com um Projeto de Pós-DOC, em Geofilosofia, sobre diferentes matérias geológicas da Terra, com particular incidência para os carvões minerais e vegetais, o petróleo e o ouro, combustíveis fósseis e recursos naturais, extraídos da Terra e muito explorados, sobre os quais muito tem trabalhado, em diferenciadas dimensões da sustentabilidade, que vão da prática artística, em extensões distintas, passando por inúmeras conferências e ensaios, nacionais e internacionais, até às experimentações cinematográficas em arte e filosofia.

Da investigação teórica, à prática artística, Romy Castro, realizou dezenas de exposições coletivas e individuais, onde se incluem as áreas de design gráfico e de equipamento, arquitetura de interiores, joalharia e cerâmica, numa abordagem multidisciplinar consistente. Ao longo do seu percurso artístico, foi bolsista de várias instituições, como a Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Representou Portugal por diversas vezes no estrangeiro. Esta representada em museus, instituições e coleções particulares e públicas, quer em Portugal, quer no estrangeiro. A sua obra encontrou nas matérias da Terra, a expressão que abarca gesto, matéria e pensamento, numa abordagem criativa sobre os limites e contornos da expressão artística.

* * * * *

C&T: Romy, como foi o seu primeiro contacto com o mundo da arte?

Romy Castro: Podia descrever muitas situações como o meu primeiro contacto com o mundo da arte, na medida em que estava rodeada de diferentes obras, mas decidi-me por as que me suscitam recordações mais precisas na memória, as imagens que me fazem lembrar um evento passado: um vaso de cerâmica e uma pintura. Primeiramente, porque eu gostava muito de ver esta peça, com a qual convivía todos os dias. Uma cerâmica-vaso da Dinastia Ming, datado de (1368-1644), da China, que me impressionava muito pela sua ornamentação criativa, continha uma cena da natureza, muito minuciosa, com animais e árvores, realizada com diferentes tipos de esmaltes e pigmentos azuis. Mas só a podia ver, não podia tocar, pois eram peças de arte, (como me diziam). Então eu tentava imitá-la nas minhas pinturas azulíneas, em papel de cor azul, ou em tecidos diferenciados, mas com a particularidade de já terem sido usados e alguns até esgaçados, o que eu adorava pelas texturas que estes criavam. Posteriormente, porque frequentava muito o Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, adorava andar e ver todas as obras em todas as salas, principalmente as de ourivesaria, de escultura e de pintura, e apaixonei-me por uma pintura que via muitas vezes e durante muito tempo, a tela *Deposição de Cristo no*

Túmulo, de Jacopo Bassano do sec. XVI, que me impressionou pela abstração da cor negra, realizada em todo o fundo da pintura, destacando as pinceladas no corpo de Cristo e a forma como resolveu pictoricamente o panejamento branco no seu corpo. Pensava nesta obra todos os dias e revia-a mentalmente, sobretudo a forma de pintura no corpo de Cristo, imaginando-o numa cena real da Antiguidade. Ainda hoje esta obra está presente no meu pensamento como a revelação de um *instante*, que nos tocou numa memória-lembrança, precisa, determinada e localizada, que ao ser um ato do passado vivido, revela um traço ontológico que ficou presente na nossa memória como uma impressão de cor, forma, textura e enquadramento visual.

C&T: Quais foram as principais influências que, na sua juventude, despertaram o seu interesse pela Arte?

Romy Castro: Sempre me interessei pela arte, sempre vi muita arte e sempre soube que ia ser artista. Na realidade, a natureza e todas as coisas que via nela para mim eram arte. A Terra, as árvores, as pedras, os animais, e principalmente o tempo, com as nuvens cinzentas e as linhas de horizonte, do rio, do mar e da terra. Todas estas dimensões foram influências. Pensava nelas e desenhavas. Representava-as por meio de linhas e sombras, e pintava-as com tudo o que era possível e que encontrava. E pensava nas pinturas de arte contemporânea, de William Turner, que me deslumbraram, principalmente pelo modo como pintava os seus negros e subtilmente apareciam os tons brancos, e Matisse, com os seus azuis-cobaltos puros, vibrantes e brilhantes, e o seu corpo negro, com destaque de linhas brancas, uma subtilidade que entrou na nossa memória, e me fez lembrar as esculturas de Alexander Calder, que flutuam no espaço como corpos em deslocação sem ordem aparente. Estava tão impressionada pelas distintas qualidades destas obras de arte, que se abriam para um mundo novo e diferenciado, que me é difícil descrever se foram as principais influências ou não. O que sei é que mais tarde decidi ir ver todas estas obras de arte originais, conhecer estes artistas, e encontrar-me a sós com outros.

C&T: A sua formação atravessa instituições de referência em Paris, Lisboa e Madrid, culminando com um estudo de doutoramento cuja tese versa sobre “Novas Matérias Pictóricas”. De que forma este estudo influenciou o modo como encara hoje a pintura, enquanto território expandido?

Romy Castro: No que se refere às fronteiras tradicionais, que existiam entre as disciplinas artísticas, como por exemplo, a pintura ou a escultura, este estudo influenciou e muito a sua superação, diria mesmo a sua rutura. As fronteiras da pintura que realizou expandiram-se e fragmentaram-se em novas dimensões, para além dos suportes clássicos. Abrangem atualmente uma vasta gama de materiais (onde as matérias se tornaram uma área de experimentação), de processos criativos e de espaços alternativos, que incorporam novas linguagens pictóricas e tecnológicas, com novos discursos ambientais e políticos, e por vezes, também educativos, que visam transformar a própria experiência e a interação do público com a obra. Considero que este estudo tornou possível potenciar as interações e a partilha de experiências entre criadores e investigadores, através da proximidade com a mudança, que estimulou a criação de novos territórios entre áreas artísticas diversas, que expandem o território e o pensamento.

C&T: A sua obra está sublinhada por um diálogo constante entre a matéria, o gesto e o pensamento filosófico. Como equilibra a dimensão da criatividade com o rigor conceptual que caracteriza o seu trabalho?

Romy Castro: O domínio complexo da matéria, que se enforma no gesto, como constituição de um todo, conduz o pensamento filosófico para uma abstração, o que permite que o pensamento se concentre na essência daquilo que está a ser considerado, a dimensão da criatividade, a partir das matérias colocadas na obra com o gesto. Porque a matéria, quando se manifesta, no seu aparecer, aparece como uma descrição do fenómeno, enquanto estrutura específica das suas dimensões, e apela à criação de conceitos, para formar uma conceção e ser experienciada, o que permite ao pensamento filosófico definir a classe das matérias e as suas origens, para as analisar em termos de compreensão e de extensão, para perceber a sua forma, abrindo deste modo, a possibilidade de organizar a obra de arte, num equilíbrio entre a dimensão criativa e o rigor conceptual. O pensamento filosófico ajuda a pensar o mundo que me rodeia de uma forma muito diferente, e permite compreender as causas e os efeitos dos acontecimentos numa perspetiva que passa do global ao local, e do geral para o particular, ao possibilitar que nos questionemos permanentemente. Como dizia Platão - *uma vida não questionada não merece ser vivida*.

C&T: Ao longo da sua carreira, transitou entre pintura, design gráfico, design de equipamento, arquitetura de interiores e joalharia. Considera que essas áreas convergem num mesmo pensamento estético ou exigem linguagens e abordagens distintas?

Romy Castro: Na reflexão que fazemos, que se aplica à arte, o pensamento estético é o meio de expressão das nossas emoções, é a manifestação sensível do que é a beleza artística, saída da nossa criação estética, que é diferente da beleza natural captada pelos sentidos, porque quando as emoções surgem e se manifestam, determinam as condições de possibilidades para o pensamento poder observar a realidade dos acontecimentos, para além da sua aparência imediata, no que se refere à beleza qualitativa de cada material e à sua aplicabilidade construtiva. Ao observarmos a natureza das matérias, verificamos o que exige cada linguagem e como abordá-la, tecnicamente, através de uma metodologia que nos permita definir o que fazer e como em cada atividade artística, o que leva à criação de novos métodos, para cada uma das dimensões das diferentes áreas do saber, não só nos materiais selecionados, mas igualmente nos procedimentos estéticos efetuados e nos processos de construção, que tem como suporte direto a experiência sensível. Determinante é que em todas as áreas o belo desperte um sentimento particular, e que todas as extensões converjam num mesmo pensamento estético, que determina o fio condutor do nosso conceito de belo, apesar de cada dimensão requerer linguagens e abordagens tecnicamente diferenciadas.

C&T: Como descreveria a evolução do seu trabalho ao longo do tempo?

Romy Castro: Ao longo do tempo o nosso trabalho passou por muitas dimensões e por muitas etapas e fases artísticas e de investigação, evoluindo na direção que perspetivamos. Sempre nos interessou realizar novas experimentações com matérias diferenciadas e inovadoras, para descobrir a sua essência, ou seja, o que constitui a sua natureza universal, para criar outras técnicas para as suas aplicações, o que implicou muito trabalho e muita

perseverança para ordenar os dados da experiência e as transformações implícitas que conduziram às séries onde actualmente nos encontramos. A condição fundamental de qualquer dimensão artística, na evolução criadora do seu trabalho, é continuar sempre a investigar, a trabalhar e a estar actualizada com a temporalidade dos acontecimentos, principalmente nas dimensões que são do nosso interesse artístico e filosófico,

C&T: Houve algum momento marcante na sua carreira artística que queira partilhar?

Romy Castro: Felizmente existiram muitos momentos marcantes na minha carreira que podia partilhar, mas vou cingir-me a um acontecimento que considero muito especial e que muito me sensibilizou. Em outubro de 2021 a Direção da Reitoria da Universidade NOVA de Lisboa, em Campus de Campolide, convidou-me para fazer uma exibição dos meus filmes sobre a Terra, na Reitoria, e durante o período da mostra realizar dois ciclos de conferência sobre a obra. O título do cartaz dizia: Reflexões em torno da obra fílmica *A TERRA COMO ACONTECIMENTO I e II* Por Romy Castro. O primeiro ciclo de conferências realizou-se no dia 24 de novembro, e contou com a presença de diversos oradores de diferentes Centros de Investigação, como por exemplo a Doutora Cristina Pontes (NOVA/FCSH/ICNOVA) ou a Doutora Cristina Azevedo Tavares (FBAUL), e o segundo ciclo realizou-se no dia 3 de dezembro, com a presença igualmente de diversos oradores de diferentes Centros de Investigação, como a Doutora Teresa Mendes Flores (ICNOVA), ou o Doutor José Gomes Pinto (ULTH/ECATI). Eu como investigadora integrada e artista visual, também realizei uma conferência em cada ciclo referenciado. Os *Diálogos* (por extensão), sobre a obra que realizamos, foram tão fecundos e originais na produção de conhecimento e pensamento, que alargaram as exigências da conceção que temos do mundo atual.

C&T: Quais as técnicas ou suportes que mais explorou ao longo do seu percurso como artista?

Romy Castro: Metodologicamente falando, as técnicas empregues em arte, dependem dos suportes utilizados. Os suportes mais explorados na nossa representação como artista, ao longo do nosso percurso, foram em termos bidimensionais, principalmente telas de linho natural e papel feito à mão, principalmente o que realizamos, e em termos tridimensionais, Galerias, Museus e o Espaço Religioso e Privado, como Conventos, Mosteiros e Capelas. Todos estes espaços foram suportes e referências de inúmeras Instalações. Relativamente às técnicas mais exploradas, posso dizer que são inúmeras, porque nunca uso uma só técnica nos trabalhos. No entanto posso referenciar a técnica de Pintura a óleo, realizada com duas dimensões distintas: "alla prima" (pintura em uma única sessão) e "sfumato" (suavização de contornos), a Tinta acrílica: com base em polímeros acrílicos, que uso de forma diluída, como aquarela, ou aplicada com espessura, e múltiplos lápis de carvão, e atualmente pinto com as matérias da Terra, que investigo. Em termos de Instalação uso Mídia mista: combinação de materiais e técnicas visuais, e Multimídia: combinação de arte visual com elementos não visuais, como som gravado, vídeo, escrita, música e/ou interatividade.

C&T: O que a inspira para criar? (Cinema, memória, o seu quotidiano, leituras, filmes, vivências pessoais, políticas, sociais, outras ...).

Romy Castro: A minha inspiração é um processo contínuo, é determinada por uma busca constante que exige quotidianamente prática, pesquisa e reflexão, e essa mediação encontro-a na filosofia, que me permite o diálogo do pensamento, não só com a memória do passado, aquele que vivi com a Terra, os seus territórios e as **matérias desses territórios - a natureza, mas também com a pesquisa atual, determinando deste modo, a integração num todo, para informar e enformar a nossa criação. Estas matérias da terra, dada a sua essência, permitem dimensionar e articular o que molda a criatividade às exigências do nosso pensamento.**

C&T: Pode descrever-nos um pouco o seu processo criativo?

Romy Castro: Podemos considerar que o nosso processo criativo é concebido como sendo a procura da essência, ou seja, o aparecimento das coisas - as matérias, tal como elas se manifestam nas condições da experiência, numa valorização da matéria na obra. Quer dizer, usamos uma metodologia, ou seja, um conjunto de diligências que passa por diferentes fases/tempos, desde a averiguação do pretendido e o aprofundamento dessa ideia, que passa para a transformação da ideia em realidade, a chamada fase de preparação, e posteriormente a sua conclusão artística, realizada na dimensão pretendida, consoante o que estamos a criar. No entanto, constatamos que não existe um processo criativo único, na realidade ele é inconstante, na medida em que estamos sempre a renovar as regras às quais a criação se submete.

C&T: Existem temas recorrentes na sua obra artística?

Romy Castro: Existem. A Terra é um tema principal e recorrente, bem como os seus territórios e algumas das matérias que estes territórios contêm, como por exemplo: os carvões minerais e vegetais, oriundos de todas as partes da Terra, os cristais brancos, do Alasca, as pirites, provenientes da Faixa Piritosa Ibérica (Portugal e Espanha), EUA, Peru, entre outros países, as terras negras, de Espanha, entre outras materialidades, nemos recorrentes.

C&T: Que elementos pictóricos têm papéis cruciais no seu trabalho artístico? Como pensa esses elementos?

Romy Castro: Os principais elementos pictóricos que têm um papel crucial no nosso trabalho artístico, e abrangem todas as extensões da nossa obra, são sem dúvida os carvões minerais e vegetais. Estes elementos quando preparados tecnicamente, combinados e organizados pelo artista, permitem ontologicamente, a criação de um novo vocabulário para as artes plásticas ou as artes visuais, na medida em que enformam matéria e visualmente, uma outra conceção visual, apresentando novas ideias e perspetivas. Não só permitem a expressão das nossas ideias combinatórias para a representação, como transmitem novas sensações através das suas formas inovadoras, ou picturalmente como matérias, o que implementa uma nova dimensão de representação visual, a partir da sua

introdução no universo da arte, onde englobamos identicamente o cinema de experimentação.

C&T: Lisboa teve alguma influência particular na produção artística?

Romy Castro: Posso considerar que sim, principalmente porque é a cidade que mais amo e onde mais gosto de viver, onde posso desenvolver o conhecimento elaborado, através da investigação que realizo e que me permite conceber e realizar a produção artística em todas as áreas em que trabalho. Já vivi em muitas outras cidades, já viajei pelo mundo, mas continuo a amar a luz de Lisboa, a sombra do Tejo e a nossa comida, o que considero muito importante para o nosso bem-estar físico e intelectual, para manter um equilíbrio entre a saúde do corpo e a saúde da mente.

C&T: Como vê hoje o panorama artístico em Portugal?

Romy Castro: Vejo o panorama artístico em Portugal atualmente, muito dinâmico muito ativo e muito criativo, com Museus, galerias históricas, novas galerias e outras instituições que inauguraram recentemente. Promovem o trabalho de novos artistas portugueses e consolidam o trabalho dos outros artistas já consagrados, num reforço da internacionalização da arte portuguesa, quer a nível nacional, quer no mercado internacional, o que permite uma reflexão sobre o presente e o futuro da produção artística em Portugal.

C&T: Como considera a responsabilidade do artista na contemporaneidade?

Romy Castro: A dimensão de responsabilidade por si só já significa responder pelos seus atos, atos que reconhecemos e dos quais somos responsáveis pela sua autoria. O/a artista na contemporaneidade tem responsabilidades, na medida em que usufrui de uma posição privilegiada nesta matéria, como autor/a pode através da sua obra, promover a reflexão crítica, a denúncia de injustiças sociais, a inclusão de grupos sub-representados, a preservação da cultura, observando as políticas ambientais para chamar à atenção na conservação dos recursos naturais que protegem o ecossistema e promovem o bem-estar social e ambiental. O/A artista é sem dúvida, um agente de transformação e principalmente, um transmissor de novas visões de mundo.

C&T: Considera que a condição de ser mulher artista mudou desde que iniciou a sua carreira?

Romy Castro: Considero que mudou, e substancialmente. No entanto, ainda não se ouve suficientemente a sua voz, nem na afirmação da sua Identidade criativa, nem na conquista de espaço, nem na valorização da sua produção artística, através das diversidades das suas trajetórias. É preciso respeitar mais o estatuto de ser artista e a sua autonomia, com a valorização da produção feminina, para o encontro de um lugar no universo das Artes cada vez mais equitativo.

C&T: Há alguma exposição ou projeto que queira destacar particularmente?

Romy Castro: Existem múltiplas exposições ou projetos que podia destacar particularmente, mas vou selecionar um Projeto de Instalação designado *A TERRA COMO ACONTECIMENTO*, que efetuei em 2013, tendo como referente o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, em Amarante, que considero ser uma demarcação na nossa investigação interdisciplinar, porque reuniu e cruzou na mesma Instalação diferentes campos científicos, que revelaram novas formas de expressão, onde a artista pode refletir as suas diferenciadas matérias, que visaram uma nova experimentação concetual e estética na arte contemporânea, para perceber como a arte e a filosofia exploram e redefinem o belo e o sublime. Incorporando simultaneamente novas ferramentas tecnológicas, que questionam os limites criativos da percepção individual e da própria função da arte, o Projeto foi também um ato que nos fez pensar noutra perspetiva, ao aprofundar as relações da arte com a Terra, transformou a maneira como pensamos e como sentimos, pois revelou como o horizonte último da experiência Humana influenciou a constante busca pelo significado da própria condição de ser-no-mundo, ligada à experiência do tempo, das matérias e da sua transformação contínua, que identicamente é a nossa.

C&T: A exposição, “A Terra como acontecimento”, tem uma designação extremamente evocativa. Pode nos dizer como surgiu essa ideia e o que representa para si?

Romy Castro: A Terra como acontecimento surgiu com a entrada visível da Terra na história da humanidade, não como um suporte, mas como um acontecimento em si mesmo. O aparecimento da Terra como planeta, marcou uma época como fenómeno não previsível, e continua a marcar o resto do tempo de todos os humanos. Permite-nos uma abordagem filosófica, artística e científica, que interpreta a Terra, não como um objeto estático, mas sim como um processo dinâmico, em constante transformação e interação. Ela tornou-se decisiva para compreender, não só, a relação que o nosso pensamento estabeleceu com a sua forma de representação, com o seu espaço concebido, mas também com a sua nova cartografia, que vai do afastamento à emersão, do espaço ao lugar, o que nos possibilita estabelecer o diálogo entre Terra e território, entre território e solo e entre solo e subsolo (parte da litosfera subjacente ao solo, onde se encontram as matérias que estudamos e trabalhamos artisticamente), mas igualmente compreender a relação que a filosofia estabeleceu com a sua materialização espacial, no que concerne ao entendimento para uma geofilosofia, onde a Terra é paisagem e fenomenologicamente um devir, com o potencial de aparecer em arte.

C&T: Que questões ou inquietações procurou explorar nesta exposição?

Romy Castro: Como já referi anteriormente, as inquietações e/ou questões enformaram diferenciadas dimensões, no que concerne ao horizonte último da experiência Humana explorado nesta exposição. Mas podemos referenciar, ainda, que esta Instalação que foi realizada como um processo - uma obra de arte total, tinha também o propósito de incentivar a uma nova experiência estética, uma experiência percetiva onde os visitantes pudessem ativar a imaginação diante de uma nova matéria estética, inabitual, incomum e invulgar, na medida em que estamos a referenciar carvões, toneladas de carvões

minerais e vegetais, chegados de todas as partes do mundo, que tecnicamente com as suas formas enformaram uma nova linguagem do nosso pensamento, que provoca na percepção uma nova sensação, na medida em que as matérias se tornam na sua aparição um fenómeno, simultaneamente físico e psicológico.

C&T: A “terra”, neste cenário, surge como elemento físico, simbólico, político... ou outros?

Romy Castro: A terra arcaica – as matérias, aparecem nesta Instalação com várias dimensões; como elemento físico primeiramente, na medida em que é a sua matéria que enforma, domina e define a organização material da obra de arte. Como elemento material dialético, porque tem como método uma análise do real, que permite compreender a sua enformação natural, nas suas movimentações de fundo, ocultas nas dimensões da sua formação, que ditam a sua história geológica, analisam a realidade e a sua outra história como um processo de transformação impulsionado pela matéria e as suas contradições evolutivas. Como elemento simbólico, porque a sua representação e as suas matérias evocam, por semelhança, coisas, mas evocam similarmente uma abstração, ou melhor dito, evocam a representação abstrata da nossa ideia, o que transforma as matérias naturais em índice, mantendo uma ligação de causa e efeito com o signo, na medida em que são um elemento material e plástico, cuja presença permite evocar outra coisa. Como elemento político, os carvões e a sua indústria, foram fundamentais para o processo de paz e a integração europeia após a Segunda Guerra Mundial, ao ser o eixo da Comunidade Europeia do Carvão, que visava criar um mercado comum destes recursos para evitar novos conflitos. Atualmente contribuí para as mudanças climáticas, tornando-se um desafio para a sustentabilidade ambiental. Outro significado como elemento, o mais importante nesta Instalação, foi a chamada de atenção para estas matérias. Pretendemos potencializar os carvões, através da atenção ambiental para as atividades humanas e o seu impacto no registo geológico global, com o propósito de manter um equilíbrio ecológico duradouro, garantindo a conservação dos recursos naturais e a preservação do meio ambiente entre os territórios e a Terra arcaica, que é bem reveladora das estratégias de poder que milenarmente a procuram dominar.

C&T: Existiu uma vertente ecológica ou ambiental nesta exposição? Ou a ideia de “acontecimento” remete mais para o tempo e a memória?

Romy Castro: Existiram as duas dimensões. Existiu a vertente ecológica e ambiental nesta Instalação, dada a natureza das matérias expostas, que sendo carvões minerais e vegetais são combustíveis fósseis que apresentam desafios ambientais como uma fonte de energia não renovável, como referenciamos anteriormente. Mas claro que a ideia de acontecimento está presente, porquanto os carvões só podem ser compreendidos em si próprios e através deles mesmos, na medida em que conservam as marcas do tempo passado que retemos na nossa memória.

C&T: Quais os materiais e técnicas mais relevantes que utilizou nesta exposição, e porquê?

Romy Castro: Os materiais e técnicas mais relevantes utilizados nesta Instalação, foram todos, na medida em que todas as matérias - carvões minerais e vegetais, luzes, imagens do filme e frase escrita na parede, são todos um meio. Estão sempre entre um princípio e um fim, ou entre dois extremos. Na montagem da Instalação os meios foram escolhidos e determinaram a prática visual da exposição, determinaram a ação, o que significa que todos eles se aproximaram da condição de possibilidade, pois tornaram possível a passagem da ação para a conclusão.

C&T: O uso da matéria tem um papel central no seu trabalho. Como foi o diálogo entre a materialidade da terra e a poesis da criação?

Romy Castro: O uso da matéria é determinante no nosso trabalho, em todas as dimensões técnicas executadas, como criação, na medida em que ao criar estou a agir sobre uma matéria preexistente, sobre a materialidade da terra, sobre um organismo vivo que tem um princípio de unidade, para a subordinar a uma nova linguagem saída do meu pensamento, que permite a criação de um novo mundo (neste caso a Instalação), a partir do combate entre o caos, a escuridão dos carvões, na sua desordem das matérias e a obra representada, repleta de luz e de ordem, no apelo à transcendência, revelando um processo de organização e atribuição de formas à matéria primordial, que se revela numa experiência sensível, que se manifesta num estranhamento que se adentra, porque as formas complementares de expressão, de filosofia e de arte, se relacionaram, para dar-aver no real instalado, a poesis da criação.

C&T: Houve alguma obra nesta exposição, em particular, cuja criação tenha sido especialmente relevante?

Romy Castro: Foram todas relevantes, mas posso referenciar o *filme A Terra como Acontecimento I*, que mantém uma relação ontológicas com as matérias da terra expostas, numa interligação que se conecta entre si, no espaço fílmico e no espaço instalativo, o que cria na visualidade exposta uma organização material de tal forma definida, que as representações se apoiam mutuamente no real da matéria exposta e no real da passagem do filme, provocando uma sistematização do conhecimento a partir dos princípios das matérias – carvões, que confere uma unidade à Instalação, a partir da exigência do pensamento, que orientou o avanço das nossas reflexões para serem ambos representação dos territórios das matérias, e se tornarem presentes nas extensões que asseguram as suas presenças.

C&T: Quais foram as opções tomadas na relação entre o espaço expositivo e as suas obras?

Romy Castro: A opção tomada em relação ao espaço positivo foi arquitetónica e espiritual, na medida em que o local de acolhimento - a Sala do Capítulo do Museu, tinha sido ancestralmente o cemitério dos monges, o que me interessou de imediato, porque as matérias também estiveram sepultadas ancestralmente, mantendo deste modo, o espaço e

as obras traços ancestrais na sua linguagem, ao combinarem ontologicamente elementos sagrados e seculares, numa mesma exposição.

C&T: Como é a sua relação com o público fruidor e com a crítica?

Romy Castro: Penso que existe uma boa relação com o público fruidor no geral, porque aprecia as obras que realizamos e os colecionadores também. Em relação à crítica, penso que compreende as nossas obras de arte. Disposições que passam pelo entendimento dos conceitos com que realizamos as obras, artísticas e investigativas, e que permitem que os críticos demonstrem o que pensam.

C&T: Qual foi a experiência mais desafiante — ou mais gratificante — que teve no meio artístico?

Romy Castro: Na realidade tive imensas, o que é muito desafiante e gratificante, mas vou destacar a experiência que tive na Saison Croisée France-Portugal, em 2022, em Paris, com duas Instalações que realizei e com as conferências que o Doutor Bragança de Miranda proferiu sobre a minha obra, na Unesco e Galeria. Este evento aconteceu, em primeiro lugar, de uma dupla convicção: por um lado, que os domínios da ética e da estética estão intrinsecamente ligados e, por outro, que as artes e as ciências humanas, sendo o espelho do percurso das humanidades, constituem ferramentas de transmissão, reflexão, comunicação e aprendizagem indispensáveis para enfrentar as nossas problemáticas contemporâneas.

C&T: Que conselho daria aos jovens artistas que estão agora a começar?

Romy Castro: Que estudem e trabalhem bastante, até atingirem os seus objetivos e se sentirem realizados. Porque a arte não é só inspiração e fruição, é acima de tudo, para o artista, muito trabalho e uma investigação permanente.